

Troca de prisioneiros entre Angola e a África do Sul

J. Ang. 12/9/87
p. 2

Uma vitória da Linha da Frente

A capital da República Popular de Moçambique (Maputo) particularmente o seu Aeroporto Internacional foi palco de um dos acontecimentos mais importantes na cena política da África Austral e do Mundo. Foi, em suma, o palco da diplomacia africana, em que representantes dos governos soberanos de Moçambique e Angola levaram a bom termo a difícil prolongada e delicada missão de resgate dos prisioneiros envolvidos.

Tanto o governo moçambicano como o angolano, fieis aos ideais da paz verdadeira e duradoura por que os seus povos combatem e morrem, deram uma lição ao Mundo, uma lição de amor e de coo-

peração mutuamente vantajosa.

No caso particular de Moçambique, este cedeu o seu território soberano para a realização da delicada missão diplomática que conduziu à troca de prisioneiros

entre a República Popular de Angola e a República da África do Sul, envolvendo também a França e a Holanda.

Foi devido à lucidez e frieza de análise e sempre movidos pelos

princípios de boa-vizinhança e defesa da soberania dos respectivos territórios que Moçambique e Angola desempenharam um papel fundamental neste processo. Um processo que permitiu que os ci-

dadãos francêss Pierre Andre Albertini e holandês Klass de Jonge desembarcassem livremente nos respectivos países de origem na manhã do dia 8 de Setembro corrente.

Os esforços demonstrados neste processo pelos governos da RPM e da RPA foram vivamente saudados, particularmente pelo primeiro ministro francês, Jacques Chirac, em declaração emitida para o efeito.

Foram horas de notória ansiedade aquelas que se passaram no Aeroporto Internacional de Maputo desde o fim da manhã até cerca das 20.30 horas daquela segunda-feira. Mais de uma centena de jornalistas de todos os quadrantes — com maior destaque para os sul-africanos e correspondentes naquele país — começaram a afluír à capital moçambicana munidos das suas máquinas propagandísticas ou não, conforme os casos e os interesses em jogo.

Maputo transformou-se assim em poucas horas na "notícia do dia" das centenas de cadeias de televisão, rádio e jornais, sem esquecer as agências noticiosas de todo o mundo.

A medida que os aviões foram chegando ao Aeroporto de Maputo, oficiais dos países envolvidos nesta delicada operação diplomática — com Moçambique como testemunha — procediam à verificação da identidade dos prisioneiros. Esta operação aparentemente fácil mas de elevada responsabilidade repetiu-se até que todos os prisioneiros estivessem em Maputo e devidamente identificados.

Todos os prisioneiros, com excepção dos angolanos — que após o seu desembarque ficaram acomodados numa das salas de embarque do Aeroporto — aguardaram individualmente nas respectivas aeronaves que os tinham transportado até Maputo, até ao momento final.

A operação que conduziu à troca dos 133 prisioneiros angolanos, do major do comando sul-africano Wynand du Troit, do antropólogo holandês Klass de Jonge e do professor universitário

francês Pierre Andre Albertini, foi prolongada e delicada. A sua concretização com êxito apenas traduz a grande compreensão e cooperação manifestadas pelos governos de Moçambique e de Angola, assim como o esforço e colaboração igualmente reveladas pela França e Holanda.

Desta forma, os acontecimentos de Maputo constituem uma vitória diplomática também da Linha da Frente, que juntamente com Moçambique e Angola esgrimem pela paz e progresso na conturbada África Austral dos nossos dias. O mundo não pode ter dúvida sobre esta questão, sabido que

é pelas balas assassinas do regime racista de Pretória. Apesar desta cruel realidade os dois Estados soberanos provaram uma vez mais o seu engajamento inequívoco na busca da tão almejada paz e prosperidade para os seus povos.

Que os numerosos jornalistas que estiveram em Maputo sejam testemunhas desta mensagem.

Benjamim Faduco

(Correspondente do "JA"

em Maputo)